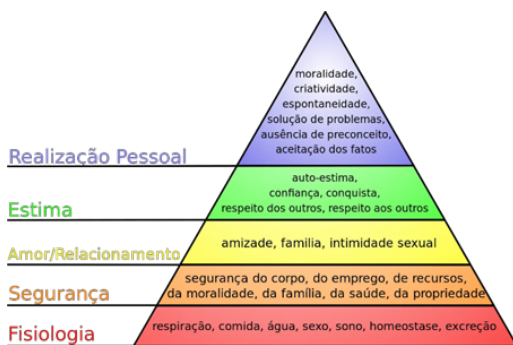


NOSSA NECESSIDADE DE REALIZAÇÃO X A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

“É necessário que ele cresça e que eu diminua”. João 3:30

Ao ler este versículo, imediatamente veio a minha mente, as ideias de um psicólogo americano chamado Abraham H. Maslow. Ele criou uma pirâmide que batizou de “Hierarquia das Necessidades”. No desenvolvimento deste princípio, Maslow afirma que o ser humano precisa passar por etapas para atingir a satisfação pessoal. Os seres humanos vivem para satisfazer as suas necessidades, com o objetivo de conquistar a tão sonhada autorrealização plena.



(1) Necessidades

fisiológicas: está é a base da Pirâmide, onde estão as necessidades básicas de qualquer ser humano, como a fome, a sede, a respiração, a excreção, o abrigo e o sexo, por exemplo. (2) Necessidades de segurança: é o segundo nível da

hierarquia, onde estão os elementos que fazem os indivíduos se sentirem seguros, desde a segurança em casa até meios mais complexos, como a segurança no trabalho, segurança com a saúde (planos de saúde), etc. (3) Necessidades sociais: é o terceiro nível da Pirâmide. Neste grupo estão as necessidades de se sentir parte de um grupo social, como ter amigos, constituir família, receber carinho de parceiros sexuais etc. (4) Necessidades de Status ou Estima: é a quarta etapa da Pirâmide de Maslow, que agrupa duas principais necessidades - a de reconhecer as próprias capacidades e de ser reconhecido por outras pessoas, devido à capacidade de adequação do indivíduo. Ou seja, é a necessidade que uma pessoa tem de se orgulhar de si própria, sentir a admiração e orgulho de outros indivíduos, ser respeitada por si e pelos outros, entre outras características que envolvam o poder, o reconhecimento e o orgulho, por

exemplo. (5) Necessidades de autorrealização: este é o topo da Pirâmide, quando o indivíduo consegue aproveitar todo o potencial de si próprio, com autocontrole de suas ações, independência, a capacidade de fazer aquilo que gosta e que é apto a fazer, com satisfação.

Considerando esta pesquisa diante da realidade do ministério pastoral, penso que o conflito se dá a partir da quarta parte da pirâmide. Vivemos a dualidade de desenvolver uma “profissão” em que o resultado não depende apenas das nossas habilidade e capacidades. O trabalho pastoral é feito em parceria com o Espírito Santo de Deus. De certa forma, nós nunca seremos, ou deveríamos ser apontados como responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da igreja.

O não reconhecimento deste princípio pode levar a igreja ao corporativismo. A igreja pode crescer com os valores e normas aplicados às empresas. Os membros, tratados como clientes (e eles sempre têm razão), a pregação, pode ir beber nas fontes da autoajuda e do coaching e a dinâmica do culto, aos sistemas de engajamento emocional oriundas do Humanismo.

Olhando para o evangelicalismo brasileiro, me parece fácil notar que as igrejas compostas por pessoas menos favorecidas financeiramente, crescem no apelo da exploração das emoções, enquanto as outras, composta com pessoas mais abastadas, no ambiente preparado para recebê-las à altura das suas necessidades costumeiras, como estacionamento, babás para os filhos, poltronas confortáveis, climatização, segurança etc.

E não quero dizer que esteja errado usar alguns destes “benefícios” citados acima. Mas perceba como é tênue a linha que separa a satisfação do “cliente” da mensagem da santificação bíblica, que confronta veementemente o pecado.

É por isso, que a declaração de João, o Batista, ganha especial destaque neste nosso devocional. Ele estava satisfeito pelo fato de entender que a sua missão era a de ser o introdutor do Cristo ao mundo.

Como comenta Moody: “O trabalho de João fora feito apresentando o trabalho de Jesus. Ele só podia batizar com água, não com o Espírito. Ele podia anunciar a vinda do reino, mas não entrar nele. Sua causa tinha de enfraquecer pela

ordem natural das coisas, conforme a de Jesus se desenvolvesse (v. 30). Era o plano de Deus. E assim Jesus, além de ser superior ao Judaísmo, era também superior ao movimento que se centralizou em João”.

E vale a pena citar “O Novo Comentário da Bíblia” de F. Davidson: *“A estrela da manhã entra em ocaso quando nasce o sol na sua glória. E assim que o porta-voz João cede lugar para o Cristo. Nos vers. 31-36, o pensamento torna-se mais abstrato. Com toda probabilidade, estes versos representam as meditações do escritor. O Messias é de origem divina, portanto, único e supremo. O evangelista compara o caráter da obra messiânica com a do Batista, “quem vem da terra” (31). Os ensinamentos de Cristo dão relevo à Sua origem celestial. Jesus Cristo testificava o que havia visto e ouvido do Pai, e nenhum homem destituído da iluminação divina pode receber este testemunho (32)”.*

Portanto amigo. Não devemos nos sentir o mais desprezível dos pastores, quando a resposta de crescimento que esperamos não vem na velocidade que planejamos. Nem a “última bolacha do pacote” quando a igreja cresce com fluidez exponencial.

Quando o crescimento é provido por Deus, é sustentável a longo prazo. Quando é produzido por ações humanas, tem prazo de validade. A palavra de sabedoria do mestre da lei, Gamaliel, em Atos 5:38 e 39, parece ter sido escrita para os dias de hoje: *“Portanto, neste caso eu os aconselho: deixem esses homens em paz e soltem-nos. Se o propósito ou atividade deles for de origem humana, fracassará; se proceder de Deus, vocês não serão capazes de impedi-los, pois se acharão lutando contra Deus”.*

Deus abençoe o seu dia, com graça e sabedoria.

Ore comigo: *Senhor meu Deus e pai. No nome do Senhor Jesus, ajuda-me a ter em mente que a minha satisfação deve vir da certeza da parceria que tenho firmado com o Espírito Santo, para o crescimento e desenvolvimento da igreja que o Senhor tem colocado sob minha responsabilidade.*